

O apoio cubano em Angola durante o governo Neto e a abordagem em Zero Hora no final da década de 1970.

The cuban support in Angola during Neto government and the Approach in Zero Hora in the end of the 1970's years

Mauro Luiz Barbosa Marques *

Resumo: Este artigo analisa o contexto do apoio cubano ao primeiro governo independente de Angola (1975-1979). Para isso, ao lado da bibliografia sobre o tema, serão utilizados os conteúdos de Zero Hora, um dos grandes jornais do Rio Grande do Sul na época, o qual cobriu com intensidade tal evento.

Palavras-chave: Imprensa e História. Independência de Angola. Cuba.

Abstract: This Article analyze the context of the cuban support to the first independent government in Angola (1975-1979). For this goal, will be used bibliography about it and the content in Zero Hora, a major newspaper at Rio Grande do Sul in that moment, when these periodic followed that event with intensity.

Keys-words: Press and History. Angola's Independence. Cuba.

Introdução

O ano é 1975, o espaço territorial na África pertence a Angola recém independente e libertada da posse portuguesa. Agostinho Neto assume a presidência, indicado pelo MPLA (Movimento Popular pela Libertação de Angola), com a responsabilidade de consolidar o poder em busca da estabilização deste novo Estado Nacional.

Todos e todas estão cientes das imensas dificuldades herdadas, em parte das formas colonialistas lusitanas, mas também pela agressão externa e interna, ambas articuladas, que se avizinha na conjuntura.

* Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professor da rede pública na cidade de São Leopoldo. Este artigo é parte (adaptada e ampliada) da dissertação "*Entre ferro e fogo: visões da imprensa sul rio-grandense sobre o contexto angolano durante o governo Agostinho Neto (1975 – 1979)*", que analisa o conteúdo da imprensa do Rio Grande do Sul quando cobriu a independência angolana e a consolidação deste Estado Nacional na década de 1970. mail: mauro.238@hotmail.com.

Já ocorria, em Angola, desde os anos 1960 um contexto de grande violência. Inicialmente esta luta dividia colonizados e metrópole, mas a partir da consolidação da independência ocorre a luta quase permanente entre três exércitos guerrilheiros, os quais eram organizações com fundo político e alguma inspiração étnica, no caso angolano.¹

Estes agrupamentos se enfrentaram armados pelos dois blocos da Guerra-Fria. Angola tornou-se um território de disputa entre os divergentes interesses das super potências daquele momento, surgidas a partir do final da Segunda Guerra e com a redução do controle europeu direto sobre a África.

O MPLA, tendo como estratégia a consolidação de seu poder para formatação de seu projeto, logo pediu o apoio político e militar cubano. Havia a disposição da ilha centro americana em apoiar movimentos revolucionários na África e mesmo novos Estados Nacionais surgidos neste contexto.

Não seria suficiente para enfrentar os desafios pela frente apenas a ação africana e sua “energia libertadora que destruiu o domínio europeu” (ILIFFE, 1995, p. 315). Assim, importantes contingentes militares e técnicos cubanos – entre outros países do bloco socialista – passaram a aportar na capital Luanda, nas vésperas da independência (11/11/1975).

Neste artigo, se pretende analisar o conteúdo do jornal sul rio-grandense Zero Hora (ZH) sobre o apoio cubano ao governo Neto entre os anos 1975 e 1979. Tal acontecimento e a ousada ação internacionalista cubana chamou a atenção pela sua peculiaridade no contexto político internacional naquele tempo.

A influência de partidos e grupos armados socialistas na África não eram casos de exceção. A União Soviética (URSS) se destacou como apoiadora dos movimentos nacionalistas de libertação, na oposição ao que denominava imperialismo capitalista. Ao mesmo tempo ocorria a ação dos Estados Unidos (EUA), ausente nas possessões africanas, mas possuidores de uma posição clara a respeito da autodeterminação dos

¹ O médico e poeta Agostinho Neto dirigia o MPLA (Movimento Popular para Libertação de Angola), vinculado ideologicamente ao bloco socialista. Seus rivais eram a FNLA (Frente Nacional para Libertação de Angola), liderada por Holden Roberto, apoiado por Mobuto do antigo Zaire e a UNITA (União para Independência Total de Angola) de Jonas Savimbi, vinculada à África do Sul e ao imperialismo. Nas vésperas da independência, estes dois últimos movimentos agiram unificados e apoiados pelo bloco capitalista, especialmente a partir das verbas estadunidenses (LINHARES: 1983, p. 100 a 102). O MPLA tinha forte influência entre a etnia quimbundo. A FNLA era basicamente originada do grupo bakongo e a UNITA contava nas suas fileiras hegemonicamente membros do grupo ovimbundo (HERNANDEZ: 2005, p. 576 a 578).

povos a partir das idéias da Carta do Atlântico (14 de agosto de 1941) assinada também pelos ingleses.²

URSS e EUA defendiam o rompimento colonial. Registre-se junto a isso que nem todas rupturas coloniais foram traumáticas no cenário africano. Fora dos casos que desenvolveram grandes lutas populares anticolonialistas ocorreram acordos entre metrópole e colonizados, os quais garantiram algum tipo de vínculo entre ambos, exemplo muito visto nas colônias britânicas. Muitos denominaram este modelo de neocolonialismo.

O caso angolano se localizou entre os mais violentos, o que gerou conflitos de grande radicalidade. Conforme CHALIAND (1982, p. 25), as colônias portuguesas não se enquadraram nos acordos pacíficos registrados em várias partes africanas: “A África ao sul do Saara, no essencial, exceção feita às colônias portuguesas (...), acede à independência por volta de 1960 sem disparar um tiro sequer. (...), pode-se legitimamente empregar o termo descolonização”.

Naturalmente, para muitos agrupamentos políticos e para amplas massas africanas ocorria a vinculação entre o colonialismo e o modelo capitalista de economia. Desta forma, vários partidos e grupos com referência no socialismo tomaram o poder em várias ex-colônias africanas dada a sua identificação com o anticapitalismo e, portanto, com o antiimperialismo (ver HOBSBAWM, 2003, p. 198-219).

A consolidação do novo Estado Nação angolano e a implantação de um modelo sócio-econômico proposto por Neto e o MPLA em um contexto de guerra civil interna e agressão externa foram temáticas de grande destaque nos veículos de imprensa. Estes acontecimentos incorporavam uma série de elementos da política e das relações internacionais em um período marcado por conflitos e guerras que colocavam frente a frente dois modelos distintos de sociedade e, portanto acabavam sendo de interesse para uma parte da sociedade naquele momento.

A partir disso, se pretende analisar o conteúdo das reportagens de ZH³ sobre o apoio cubano nesta primeira fase após a independência de Angola, buscando

² A Carta do Atlântico destacava os seguintes princípios: 1. A renúncia a qualquer aquisição de território sem o prévio conhecimento das suas respectivas populações. 2. O direito de autodeterminação dos povos. 3. Acesso de todos os Estados ao comércio internacional. 4. Liberdade dos mares (LINHARES, 1981, p.15).

³ As origens deste jornal estão vinculadas a Maurício Sirotsky Sobrinho que, em 1940, controlava alto-falantes no centro da cidade de Passo Fundo. Em 1966, ele se associou ao jornal Zero Hora que já circulava desde 1964 em substituição ao jornal Última Hora, fechado pelo regime militar que se

possíveis opções ao divulgar este processo histórico – de destaque naquele momento - e mesmo a metodologia de construção dos noticiários sobre Angola neste periódico.

Para tal objetivo foi realizada uma varredura nas edições do período (1975-1979) e selecionada uma série de reportagens centrais sobre o tema, optando por não incluir reportagens repetitivas ou muito reduzidas. Este artigo analisou assim cerca de 25 reportagens.

Boa parte das matérias em ZH eram oriundas de Agências Internacionais como a *United Press Internacional* (UPI) e *Associated Press* (AP). Isso não retira sua validade como fonte de pesquisa, pois os periódicos trabalhavam com liberdade as informações adquiridas no mercado das Agências. Por isso, podiam organizar tais notícias dentro de conceitos, prioridades e opções.

As reportagens de ZH

O apoio cubano ao governo de Agostinho Neto e a presença de milhares de soldados e outros profissionais a partir de semanas antes da independência angolana foi um tema de constante polêmica nos debates políticos internacionais do período e também nas páginas dos periódicos. Como veremos, a presença latino americana de Cuba na África mereceu especial abordagem em ZH.

Em ZH, a presença das tropas cubanas sempre esteve nas notícias e na descrição das batalhas. Ao mesmo tempo, as justificativas do governo cubano para tal participação sempre tiveram espaço nas páginas deste periódico, como na edição de 16/1/76 (“Fidel justifica intervenção cubana”, p. 14), quando justificou a presença cubana em Angola, a partir de um discurso de Fidel Castro, como uma reação à presença sul africana nas fronteiras angolanas:

Castro disse que as tropas cubanas serão retiradas quando o governo socialista de Angola do MPLA assim o desejar. “São eles, exclusivamente que devem decidir a questão. (...) Quando eles decidirem que já não precisam de nós, nós nos retiraremos. (...). Nenhuma unidade militar cubana se dirigiu para Angola antes da invasão feita pela África do Sul, a 23 de outubro (de 1975)”, salientou Fidel Castro que não revelou o número de soldados enviados e nem as

instalou no Brasil naquele ano, especialmente por estar vinculado ao projeto nacionalista de João Goulart. ZH acabou se somando a Rádio e TV Gaúcha, formando o conglomerado RBS (Rede Brasil Sul de Comunicações), segundo lugar em comunicação no Estado naquela altura. A partir daí, este conglomerado ficou sob controle da família Sirotsky, novos acionistas majoritários (FONSECA: 2008, p. 154).

suas baixas, pois “não há motivo para facilitar o trabalho dos imperialistas”.⁴

Esta mesma perspectiva de Fidel Castro foi repetida na edição de 30/1/76 (“Tropas do MPLA estão às portas de Huambo”, p. 14) praticamente com o mesmo conteúdo do líder cubano, o qual acentuou a presença de milhares de voluntários, não apenas soldados.

Este longo espaço cedido às declarações cubanas – para Fidel Castro, em especial - foi constante nestes anos, assim como as críticas internacionais à presença cubana no território angolano ao lado do MPLA. Na edição de 27/1/76 (p. 13), um anônimo da comitiva do Secretário de Estado dos EUA, Sr. Henry Kissinger em visita a Europa teria dito que: “Cuba se transformou numa ponta de lança dos revolucionários em vários países africanos”.

Na mesma matéria, foi lembrada a presença de Che Guevara e de cubanos em apoio a Lumumba no Congo⁵ e o envio de assessores cubanos para vários países africanos naquele momento.

Esta frase anônima descrita em ZH resumiu todo o sentimento da época e o efetivo receio desta ação internacionalista de Cuba. A vinculação do termo ‘intervenção’ a este fato chocava-se com o argumento do MPLA, o qual afirmava na época que a participação cubana neste processo se deu a partir de um ‘convite’ dos dirigentes angolanos.

Estes argumentos foram repetidos inúmeras vezes pelos dirigentes africanos. Segundo MAXWELL (2006, p. 199 a 201), o chamado angolano para a ação cubana

⁴ Fidel Alejandro Castro Ruz nasceu em Cuba no ano de 1926. Formado em Direito no ano de 1950 em Havana, participou de atividades opositoras ao regime de seu país desde jovem. Enfrentou a ditadura do general Batista, governo de colaboração com os EUA e decidiu formar guerrilha rural contra este governo, na região de Serra Maestra. Lá se estabeleceu com cerca de 80 homens e nos anos seguintes, ocupou a cidade de Santiago e mais tarde liderou a ofensiva final contra Batista, derrubando este governo em 1959 no episódio denominado como Revolução cubana. Desde então, Fidel participou do governo cubano com centralidade até o ano de 2008, quando afastou-se do poder (dados biográficos adaptados de <www.biografiasyvidas.com/biografia/c/castro_fidel.htm> acesso em 1/10/2011).

⁵ Ernesto Rafael Guevara de la Serna – o ‘Che’ - nasceu na Argentina (1928 – 1967) e contribuiu na Revolução Cubana, participando dos primeiros anos do governo de Fidel Castro. Esta missão cubana no Congo em 1965 foi das mais secretas desta Revolução. Tão confidencial que só 25 anos depois – em 1990 – foi totalmente confirmada por Fidel Castro. O segredo guardado por tanto tempo era a participação de Che Guevara – e do governo cubano – na guerrilha na República Democrática do Congo entre abril e novembro daquele ano. Lá, Che e cerca de 70 cubanos voluntários, financiados por Cuba, juntaram-se ao grupo rebelde local. O objetivo era reinstaurar o regime nacionalista de esquerda de Patrice Lumumba, morto em janeiro de 1961 (adaptado a partir do conteúdo presente em <<http://historia.abril.com.br/gente/camarada-ernesto-che-guevara-433434.shtml>> acesso em 27/2/2011).

ocorreu em agosto de 1975 diretamente a Fidel Castro e a operação logística para transportar soldados e armas pelo Atlântico se desenrolou a partir daí. Para o autor, este fato mudou a situação no sul da África e o equilíbrio de poder pendeu para o lado do MPLA e seu regime.

Ainda, na matéria de 27/1/76, noticiou-se mensagem cubana ao Secretário Geral da ONU explicando justamente este convite de 'intervenção'. Ao mesmo tempo, a carta denunciava a ação da CIA e da FNLA, aliados a África do Sul ("Cuba defende a intervenção de seus soldados na África").

Na edição de 29/1/76 ("Intervenção de Suslov ampliou ação de Cuba", p. 14), a FNLA respondeu perante a Câmara estadunidense acusando a ação intelectual soviética mediando a presença cubana em Angola através de um relatório:

A (...) (FNLA) declarou, a Câmara de Representantes dos Estados Unidos, que um aumento em grande escala de tropas cubanas na antiga colônia portuguesa foi acertado em Havana, pelo teórico do Partido Comunista Soviético, Mikail Suslov, durante sua visita a Cuba, a 17 de dezembro passado. A acusação está contida em relatório de aproximadamente cinco mil palavras, enviado pelo presidente da FNLA, Holden Roberto, ao presidente da Câmara dos Estados Unidos, Carl Albert. (...) Suslov é membro do Politburo do PC soviético é apontado como seu principal teórico, tendo representado seu partido no primeiro Congresso do PC Cubano.

Apesar do conteúdo da notícia desenvolver a idéia de uma 'guerra de acusações', o título da manchete foi colocado de maneira afirmativa e aparentemente definitiva. Parecia que a simples ação de um 'teórico' justificava a intervenção cubana na África e explicava sua extensão. Cabe destacar que estas ações do país latino americano já ocorriam antes do episódio angolano, como no caso do Congo.

A presença cubana em Angola também chegou a ser vista como uma internacionalização da guerrapela presença de estrangeiros atuando no conflito em ambos os lados, conforme conteúdo da reportagem "Muitos estrangeiros na guerra dos outros" (3/2/76, p. 14):

A guerra civil angolana está se convertendo rapidamente num choque entre soldados cubanos e mercenários brancos. Os mercenários foram contratados para reforçar as tropas da FNLA-UNITA depois das sucessivas derrotas frente ao MPLA que conta com o apoio de soldados cubanos e ajuda militar soviética.

A consolidação do poder do MPLA em Angola com o apoio cubano e soviético despertou uma série de temores de vizinhos e inimigos do governo “pró-marxista”, como várias vezes ZH definiu a direção angolana. Estes temores foram resumidos em um artigo de Jean Marie Jurge, da *Agence France-Presse* (AFP), publicado no periódico (“Cuba, a obsessão africana”: 29/2/76, p. 15) :

Certos países vizinhos de Angola temem uma verdadeira campanha da África dos 15 mil combatentes cubanos que contribuíram, decisivamente, para a vitória da República Popular de Angola, afirmam os observadores. (...) Estes temores parecem tanto mais fundados quanto a União Soviética, (...) não oculta sua intenção de apoiar os movimentos de libertação em luta contra os governos de Salisbury e Pretória. (...) Em tais condições, os observadores não afastam a possibilidade de que os cubanos que se encontram assim como o **gusano na fruta**, segundo expressão do diplomata africano, sejam utilizados para fazer cair no campo marxista vários países da África Oriental e Austral. (...).

Estes trechos retirados do longo artigo, com sugestivo título e com tamanho de página inteira, resumem o contexto de dificuldades dos inimigos de Neto naquela altura em 1976 e mostram o alcance da ação cubana em Angola. Os temores sul africanos podem ser resumidos na fala destacada neste artigo anterior proferida por Vorster, líder da África do Sul naquele momento, país fronteiro a Angola, ainda em pleno regime de apartheid e inimigo mortal do MPLA.

Para este político sul africano, os russos e cubanos decidiram “provar até onde podem chegar. Nossos inimigos, acrescentou, têm agora a potência suficiente para atacar a nação, tanto no exterior como no interior”.

De qualquer forma, os temores dos países fronteiros a Angola sobre a possibilidade de ‘caírem no campo marxista’, segundo os supostos ‘observadores’ (fontes desta reportagem), fogem dos limites deste artigo. Vale a pena ressaltar, por outro lado, que os conflitos internos na Rodésia, Namíbia e África do Sul seguiram naqueles anos, independente da ação de Cuba ou Angola.

A reação internacional a este cenário também teve seus tentáculos na América do Sul, especialmente nas relações entre Brasil e Argentina, assim abordadas pelo colunista Newton Carlos ⁶ (“Um pacto complicado”: 7/4/76, p. 12) :

⁶ Newton Carlos era colunista de ZH no final dos anos 1970. Nascido na cidade de Macaé (RJ) em 1927, começou sua carreira jornalística no extinto jornal “Correio da Manhã” nos anos 1950 e passou pelos principais jornais e TVs do Brasil. Foi colunista de política internacional de jornais como Folha

É motivo de especulações internacionais, tendo em vista a **estratégia de tensão** – no Atlântico Sul, ativada com informações sobre cubanos se movimentando a partir de Angola com apoio logístico soviético, a visita à Argentina do ministro da Marinha do Brasil, almirante Geraldo Henning. Estaria a caminho o tão falado Pacto do Atlântico Sul?

Na mesma coluna, Newton Carlos destacou as dificuldades deste suposto pacto, especialmente pela incômoda presença da África do Sul, a mentora do mesmo. Conteúdos como este dependiam da ação e iniciativa do comentarista, pois não apareciam nas notícias da época.

De qualquer forma, o conteúdo na coluna citado parece significar que estas discussões se desenvolviam naquele momento. A defesa militar da região sul do Atlântico, as quais acabaram repercutindo neste espaço de opinião em ZH, era um assunto que recebia atenção por parte dos regimes políticos aqui do cone sul da América, a partir de receios relativos aos acontecimentos no sul da África.

Fora as colunas com informações e críticas de Newton Carlos, por vezes as notícias sobre a ação cubana em Angola selecionadas por ZH não continham o devido aprofundamento. Por exemplo, na manchete “Outro soldado cubano foge de Angola para Portugal”, não ocorreu em nenhum momento a motivação do episódio, apenas a descrição do mesmo (13/4/76, p. 14).

Na edição de 16/4/76, anunciou-se a intenção cubana de intervenção no processo de luta na Namíbia (“Cuba pronta para nova intervenção”, p. 13). A matéria teve um destaque bastante significativo apesar de ser apenas especulativa, sem nenhuma seqüência nos dias posteriores. Diversas vezes o termo ‘intervenção’ esteve ressaltado no corpo da notícia.

Na edição de 17/5/76, ZH não fugiu a descrição mais chocante - próxima à barbárie, sempre que possível presente nas notícias deste jornal como característica de abordagem – dos acontecimentos em Angola. A partir da manchete “1500 cubanos já morreram na guerra angolana”, a notícia destacou que “os cadáveres foram colocados num navio frigorífico que está ancorado em Point Noire, para voltar a Cuba (p. 14)”.

Na mesma edição, foram citadas fontes originadas de “desertores cubanos” e incluído o cálculo de 14 mil combatentes de Cuba no solo angolano. Esta estimativa

durante os anos analisados variaram, em geral, entre 10 e 15 mil soldados e voluntários.

Em 26/5/76, ZH apresentou uma manchete bastante precipitada: “Cuba retira suas tropas de Angola”. No corpo da notícia, tratava-se apenas de uma retirada gradual de 200 soldados por semana anunciada por Fidel ao 1º ministro sueco, mas não comprovada nos meses seguintes. Um exagero na manchete, não confirmado no conteúdo da matéria, que poderia deixar o leitor apressado ou superficialmente informado sobre o tema, absorvendo uma informação bastante parcial e imprecisa.

Este exagero na manchete em ZH logo foi minorado com análises posteriores como na edição de 22/7/76 (“Podem piorar as relações de Luanda com o governo de Washington”, p. 13), quando o polêmico número de soldados em Angola e sua retirada entrou novamente em questão:

Não se pode determinar o número de uniformes verde-oliva que se vê nas cidades. Sobretudo quando se leva em conta que os observadores estrangeiros que com muita seriedade fornecem cifras sobre a presença de soldados cubanos em Angola mal saem do setor do Hotel Tropic, de Luanda, ou do aeroporto de Cabinda. Os habitantes de Luanda não notaram nenhum movimento de tropas desde que Fidel Castro anunciou a retirada de suas forças. Mas, em princípio, só deveriam sair de Angola 200 soldados por semana.

Na mesma matéria, divulgou-se a visita de Agostinho Neto a Cuba ao lado do veto e da oposição estadunidense relativo à presença cubana em Angola. A primeira visita oficial depois da independência, teve um certo tom de polêmica ao anunciar a preocupação estadunidense com a visita oficial de Neto por um lado, mas também afirmou a disposição de Neto ao registrar parte de seu discurso: “O presidente angolano já advertira, depois desse veto norte-americano, de que ‘em vez de diminuir’, as relações com Cuba iriam ser ‘reforçadas’”.

As matérias que incluem a temática cubana reduziram-se a partir do mês de julho de 1976. Por vezes, pequenas notícias lembravam a ação cubana em pequenos conflitos ou algum artigo sobre o conflito na Namíbia ou sobre o *apartheid* sul africano também tocava sobre a presença de Cuba por ali.

Diretamente sobre a presença cubana em Angola, uma pequena notícia em 30/9/76 acusou: “Angola: tropas massacraram 500 civis”, onde no corpo da matéria foi noticiado que oficiais cubanos comandaram um massacre a 500 refugiados no sul do país, região de ação da UNITA.

Também foram acusados os soldados de pilharem as aldeias (p. 16) num clima de caos, fome e atraso de soldos como narrado no corpo da notícia. Não houve confirmação nem contraponto a estas graves acusações nem existiu sequência do tema nos dias posteriores, algo que debilitou o seu conteúdo.

Na edição de 27/4/77 (“Guerrilha amplia luta em Angola”, p. 17), novamente a temática do número de soldados e da dependência angolana a estes recursos esteve presente, junto a um visível exagero do potencial dos inimigos do MPLA:

Informações recebidas dos serviços de inteligência ocidentais indicam que os movimentos guerrilheiros contrários ao governo angolano ampliaram bastante seu controle sobre o interior do país nos últimos meses, praticamente isolando as forças do presidente Agostinho Neto e seus aliados cubanos nas principais cidades.

Os relatórios calculam que o governo do presidente Agostinho Neto não se sustentaria no poder sem o auxílio dos soldados cubanos e dos assessores soviéticos que estão no país. (...) O número de soldados cubanos existentes em Angola é calculado em 18 mil homens, ou seja, 12 por cento das Forças Armadas cubanas. Além disso estão no país cerca de 200 assessores soviéticos.

Como a notícia assumiu em seu conteúdo, o anônimo ‘relatório de inteligências ocidentais’ também destacou que as nacionalizações do MPLA prejudicavam a economia naquela altura, um posicionamento explícito de caráter político. Segundo a matéria, a ofensiva dos grupos guerrilheiros clandestinos ameaçava e rondava o poder do MPLA. Este tipo de notícia, tão rica em fatos jornalísticos, não teve sequência em edições posteriores.

Matérias de cunho mais político, aliás, ocorreram em ZH várias vezes, como na edição de 3/2/77 (“Cuba vai defender socialismo em Angola”, p. 13), cujo conteúdo é merecedor de análise:

(...) Fidel Castro, afirmou que, apesar de Cuba ter limitado sua ajuda militar a Angola manterá o compromisso de defender o socialismo angolano de qualquer agressão estrangeira por quanto tempo for necessário. (...) “Nós estamos cortando nosso pessoal militar em Angola e aumentando a ajuda econômica (...). Naturalmente, nós continuaremos com nossa cooperação militar para defender Angola contra qualquer agressão do exterior quanto tempo for necessário, até que o país tenha suas próprias Forças Armadas”.

A presença de cineastas suecos em Cuba coincidiu com uma visita a Havana do presidente angolano Agostinho Neto, (...). Fidel Castro e Agostinho Neto abraçaram-se diante das câmeras.

Tal matéria retratou um resumo de um documentário sueco sobre Fidel, com destaque à temática angolana. Ao mesmo tempo, deu significativo espaço à voz de Neto e Fidel. Ainda no campo político, o governo estadunidense de Jimmy Carter ⁷ eleito após a saída de Ford, colocou a aproximação e a normalização da relação com Cuba condicionada a retirada das tropas cubanas em especial de Angola. ZH divulgou, em dezembro (“Cuba não negocia com EUA retirada da África”: 7/12/77, p. 16), a resposta de Castro sobre este assunto em uma entrevista concedida por ele a jornalistas estadunidenses:

Fidel Castro informou ontem aos Estados Unidos que Cuba não está disposta a negociar a retirada de suas tropas da África, mesmo que isso impeça a normalização das relações entre os dois países. “(...) nossas relações com a África não podem ser discutidas. Não podemos negociar isso (...). Por que ele quer criar um problema artificial?”, perguntou Fidel “Isto não tem nada a ver com Carter nem com os Estados Unidos”

A suposta aproximação entre Cuba e EUA não ocorreu, independente da negativa de Fidel em aceitar a pressão e as condicionantes de Carter naquele momento. No mesmo mês, a firme intenção cubana foi declarada no 1º Congresso do MPLA em Luanda na voz de Raul Castro, ministro de defesa cubano convidado para tal evento. Tal discurso ficou registrado na edição de 14/12/77 (p. 14): “Só o governo de Angola e o MPLA, poderão dizer quando a presença cubana não será mais necessária (...) os imperialistas querem ver os cubanos fora de Angola e procuram impor condições e dizer onde eles podem estar e o que podem fazer”.

Na perspectiva do MPLA, Angola precisaria dos cubanos até ter um exército próprio, conforme divulgado na edição de 6/1/78 (“Angola quer cubanos até formar exército próprio”, p. 14), a partir de um discurso de Neto:

As forças Armadas revolucionárias cubanas permanecerão em Angola, acentuou Neto, até que os angolanos sejam capazes por si sós de

⁷ Earl “Jimmy” Carter de James, Jr. nasceu em 1924 e foi o 39º presidente dos EUA pelo Partido Democrata, depois de vencer Gerard Ford nas eleições de 1976. Governou entre 1977 e 1981, tendo recebido em 2002 o Prêmio Nobel da Paz. Como presidente, Carter procurou dar ênfase mais forte aos direitos humanos e à diplomacia como forma de ação nos conflitos internacionais. No final de seu mandato, as taxas de desaprovação de Carter eram significativamente mais elevadas do que sua aprovação, e mesmo sendo candidato Democrata para reeleição acabou derrotado pelo republicano Ronald Reagan (informações em <http://www.worldlingo.com/ma//pt/Jimmy_Carter> acesso em 27/2/2011).

manejar o equipamento técnico de que um Exército moderno deve dispor. (...) Neto denunciou a presença de dezenas de milhares de soldados sul-africanos fortemente armados e equipados junto à fronteira sul.

O presidente angolano advertiu, por outro lado, que Angola não assistirá passivamente uma solução “oportunista e neocolonial” em Zimbábwe (Rodésia), Namíbia ou África do Sul.

A abordagem de ZH nestas edições teve a perspectiva de justificar as ações cubanas e a aceitação angolana, quase como um “convênio estabelecido”, conforme algumas matérias definiram.

Na edição de 20/4/78 (“Movimento em Angola contra Agostinho Neto”, p. 17), ZH também politizou a presença cubana, vista nesta reportagem como um fator motivador para a unidade da oposição ao MPLA. A partir deste momento, chamam atenção as matérias e temáticas sem seqüência nos dias seguintes, embora pareçam bastante expressivas em seu conteúdo:

Os guerrilheiros angolanos de diversos movimentos de libertação se reuniram nos arredores de Lisboa para discutir a formação de uma frente comum para derrubar o regime de Agostinho Neto disse ontem o jornal conservador “**O Dia**”. (...) Daniel Chipenda, da FNLA organizou uma reunião a portas fechadas em uma residência particular nos arredores da capital portuguesa, juntamente com representantes da UNITA e dissidentes do MPLA, que governa o país.

Chipenda afirmou ter chegado a hora para se deixar de lado as diferenças partidárias e começar a unir as forças a fim de libertar a Angola da ocupação cubana, (...). Chipenda distribuiu comunicado pedindo a formação “de uma frente ampla, na qual os três movimentos históricos de libertação (...) possam encontrar uma forma para unir todos os angolanos. Segundo o comunicado, um dos principais objetivos da frente é derrubar “o governo impopular, ditatorial e totalitário de Neto”

Além de não haver seqüência nos dias seguintes sobre tão relevante encontro político ao redor do ‘fator cubano’ que uniu diversas facções, ficou claro que a ação contra o governo de Neto não foi em Angola e sim em Portugal, em Lisboa, ao contrário do anúncio da manchete.

No dia seguinte, ZH trouxe um relato do MPLA sobre importante vitória contra a UNITA na fronteira da Namíbia: “(...) o povo angolano e suas forças armadas continuarão a defender o território nacional e sua opção de construir o socialismo em paz e segurança” (“Angola: cubanos lideram ofensiva vitoriosa”: 21/4/78, p. 17).

Na edição de 25/5/78, a notícia em ZH com a sugestiva manchete “EUA têm plano para sustentar africanos contra URSS e Cuba”, dá mais um exemplo da ressonância da ação cubana em Angola e no conjunto do espaço africano, através da ação estadunidense e dos planos governamentais, ainda limitados pela Emenda Clark: ⁸ “Os Estados Unidos, explicam fontes de Washington, começarão a sustentar a UNITA e a FLEC ⁹ para ‘imobilizar’ em Angola e na Etiópia as unidades cubano-soviéticas com a esperança de que não possam intervir no conflito rodesiano (p. 16)”.

As ações cubanas além das fronteiras angolanas sempre foram pautadas em especial pelos EUA, mas também por chineses, europeus e mesmo pela cúpula da OUA. Este debate esteve presente na edição de ZH em 7/6/78 (“CIA faz acusações a Cuba”, p. 16), referente à ação cubana – suposta pelos EUA – em uma rebelião no Zaire, vizinho de Angola ao Norte. ZH deu espaço à resposta angolana sobre o tema:

Em Nova Iorque, o chanceler angolano Paulo Teixeira Jorge declarou que os cubanos “não fazem outra coisa a não ser começar seu trabalho em Angola e estão em meu país pela simples razão de que temos dois maus vizinhos, o Zaire e a África do Sul”. (...) O chanceler angolano rejeitou inclusive as acusações, segundo as quais os cubanos e angolanos participaram na invasão, o mês passado, da província zairense de Shaba.

“Se estivéssemos envolvidos nessa revolta popular contra um regime corrompido e opressivo, não nos deteríamos em Kolwezi. Teríamos chegado a Kinshasa”, declarou.

O longo espaço destinado ao chanceler angolano demonstra o peso do tema no noticiário internacional naquele momento. No mês seguinte, a pauta da 15ª Conferência da Organização da Unidade Africana (OUA) ¹⁰ abordou as intervenções estrangeiras na África e os conflitos ideológicos ou armados que dividiam os países do continente naquele momento. Estes assuntos marcaram a pauta deste encontro, realizado em Kartum (Sudão). A polarização e a divisão entre os países membros foi a tônica, como de costume, conforme a reportagem “Conferência da OUA condena presença cubana na África” (24/7/78, p. 16):

⁸ “A crise angolana foi identificada como ‘um outro Vietnã’ e o repúdio popular à iniciativa do governo traduziu-se em medidas concretas. Em fevereiro de 1976, o Congresso americano aprovou a emenda Clark, uma emenda constitucional que proibia toda e qualquer forma de ajuda do governo americano aos grupos rebeldes angolanos” (RODRIGUES: 1990, p. 187).

⁹ Frente para Libertação do Enclave de Cabinda, outra organização armada, mas apenas presente na região do enclave petrolífero de Angola (nota do autor).

¹⁰ OUA é a entidade continental que reúne os países africanos (nota do autor).

Os países chamados progressistas condenaram severamente as “manobras neocolonialistas” do Ocidente, enquanto os chamados moderados, cuja atividade neste foro se destacou, mostraram sua hostilidade “à presença de 50 mil cubanos na África”.

Durante os quatro dias de debates entre os 34 chefes de estado ou de governo, foram adotadas 250 resoluções, moções e recomendações políticas ou econômicas, em um clima freqüentemente agitado.

Como característica deste período em ZH, as notícias não tem uma sequência nos dias posteriores, mesmo que tenham profundidade no contexto daquele momento inserido. Também, nenhuma das 250 resoluções foi ao menos citada como exemplo do debate realizado, sendo priorizada a divulgação da divisão entre supostos “progressistas” e “moderados”.¹¹ A condenação da presença cubana não foi noticiada enquanto resolução e foi apenas levemente citada na notícia, mas foi o centro no conteúdo da manchete.

Na edição de 2/8/78 (“Fidel reafirma ajuda à África, p. 16), novamente foi dado amplo espaço para declarações de Fidel, o que ocorria com frequência nas edições de ZH:

“Todo ataque dos regimes fascistas do sul da África contra os países da linha de frente é também um ataque contra Cuba. Nós não ficaremos de braços cruzados enquanto nossos irmãos africanos sofrem (...). Gostaria de ver Zimbabwe (Rodésia), Namíbia (sudoeste africano) e África do Sul como países livres. Cuba lutará na África até o fim do imperialismo (...). Nosso idioma é diferente mas nossos objetivos e sentimentos são os mesmos. Embora o imperialismo não goste de nossa presença na África nós pensamos que o povo africano necessita de nossa solidariedade e a terá”

Um discurso de firmeza ideológica foi o perfil permanente dos personagens do campo soviético-cubano-angolano durante este período, como demonstraram suas declarações. ZH divulgou estes discursos cotidianamente em suas edições, mas a partir desta notícia anterior, a temática cubana vinculada a Angola esteve ausente em ZH até o final do ano.

Na edição de 11/12/78 (“Importantes mudanças em Angola”, p. 18), citando diversas “fontes e observadores”, ZH divulgou a exclusão de setores supostamente

¹¹ A pouca qualidade e profundidade no noticiário, por vezes percebido, é assim concebida por MARCONDES FILHO (1986, p. 13), para quem notícia “é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo”.

contrários aos cubanos. Neste momento, segundo a matéria, haveria uma divisão entre 'cubanos' e 'soviéticos'. Este tema também não foi desenvolvido em edições posteriores, apesar de representar uma novidade naquele momento e aparentemente ter status suficiente para ter destaque nas reportagens do periódico:

A comissão central do partido marxista que governa Angola exonerou ontem dois de seus principais líderes partidários e de governo, numa decisão surpreendente. Observadores disseram que isso poderia significar o avanço dos radicais e o fechamento completo da meia porta do país que estava aberta para o Ocidente. (...) Fontes divergentes do partido disseram que ambos eram pró-soviéticos e acrescentaram que sua remoção inesperada poderia resultar na adoção de uma posição radical, apoiada por Cuba, de não assumir compromissos com o Ocidente.

Este debate presente na reportagem era pertinente para o momento. Apesar dos discursos da URSS, era possível supor que a mesma desejasse dividir os 'custos' de Angola com outros atores internacionais, apoiando as tentativas deste país no sentido de aproximar-se dos Estados Unidos e de países do Mercado Comum Europeu.

O apoio soviético à luta em Angola se enquadrava no que DOLGOPOLOV (1986, p. 136) compreendia como a "união combativa com os povos que encaram a luta pela sua independência e liberdade, contra os agressores imperialistas", mas possuía seus limites, especialmente no momento de dificuldades que se encontrava. Sobre isso, PAULINO (2008, p. 164), afirma que nos

(...) anos 70 foi se tornando cada vez mais evidente que algo de muito errado havia, tanto nos regimes quanto nas economias do chamado 'campo socialista', particularmente na URSS. A redução do ritmo de crescimento da economia se constituía na mais cabal prova da crise do regime soviético e já não podia ser escondida. As taxas de crescimento médio por quinquênio, a partir de meados da década de 70 até 1985, desaceleraram para tudo o que se podia mensurar.

As dificuldades presentes, mas acobertadas pela grande potência soviética naquela altura, levaram a debates paralelos como a suposta visão distinta entre a perspectiva cubana e a idéia soviética de que Angola deveria ter mais parceiros nas relações internacionais. Segundo a reportagem, os cubanos defendiam que "(...) como Cuba, Angola pode transformar-se em um avançado estado socialista sem passar pelo estágio neo-colonial, com ajuda do investimento ocidental". Fontes anônimas,

curiosamente denominadas como “economista que discorda do partido”, ou “outro que não se enquadra bem no MPLA” compunham o conjunto da notícia. Segundo estes, os “radicais cubanos” dominavam a política do MPLA naquele momento.

Na política interna angolana, o MPLA havia se tornado um partido político a partir de um Congresso Nacional realizado em Luanda, ¹² no ano anterior, e as medidas políticas tomadas em 1978 contra ‘dissidentes’ também se justificaram por esta mudança. Mas esta última matéria sobre o tema cubano em nosso período de análise mais uma vez levantou uma série de questões sem aprofundá-las nem contextualizá-las.

A matéria limitou-se a definir a divisão existente no MPLA não apenas pela exoneração de Lopo do Nascimento e de Carlos Rocha Dilowa, mas pelas diversas fontes internas de dissidentes e de observadores. Estes, não são bem identificados na notícia e junto a isso, nada do que foi levantado nesta reportagem teve sequência nas edições seguintes.

Considerações finais

O número expressivo de matérias sobre a questão cubana demonstram a importância desta temática naquele período. A presença cubana se manteve em Angola por mais tempo do que analisado neste artigo, limitado no período do governo Neto, falecido em setembro de 1979.

Nos anos 1980, seguiram-se os debates sobre a presença cubana na África, conforme destaca ZORGBIBE (1996, p. 40):

No início dos anos 80, Cuba é a primeira potência estrangeira no continente negro: um quarto de seu exército está na África. Ela age como “mercenária” de Moscou? A pergunta, então, é extensamente debatida na opinião pública internacional. Parece que a intervenção em Angola foi decidida pelos próprios cubanos enquanto a participação na campanha do Ogaden teria sido de inspiração da União Soviética.

Inscrita no signo no conflito entre EUA e URSS, além de estar no meio da neurose internacional das intervenções estrangeiras de parte a parte, a presença

¹² Em dezembro de 1977, o MPLA transformou-se em MPLA-PT (Movimento Popular de Libertação de Angola – Partido do Trabalho) após definição em Congresso Nacional do MPLA. Entre os objetivos desta mudança estavam a busca por aprofundar definições políticas, princípios de base e ser de fato um aparelho dirigente da Nação. Estas necessidades levaram à transformação do Movimento em Partido Político (conforme reportagem “Do Movimento ao Partido”, Revista Cadernos do Terceiro Mundo: dezembro de 1983, p. 42 a 48).

cubana com peso expressivo no continente africano chegou a dar ao pequeno país latino americano o status de “potência estrangeira”, mesmo na bibliografia sobre o tema. Talvez este selo seja exagerado, mas Cuba cumpriu um papel internacional coerente com seu projeto político-ideológico naquele momento, apoiando efetivamente os movimentos aos quais simpatizava na conjuntura africana.

BIBLIOGRAFIA E FONTES CONSULTADAS

1. Obras gerais.

ALENCASTRE, Amílcar. **América Latina, África e Atlântico Sul**. Rio de Janeiro: Editora Paralelo, 1980.

ANDERSON, Perry. **Portugal e o fim do Ultracolonialismo**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa Estado Autoritário (1968-1978)**. São Paulo: EDUSC, 1999.

BRUNSCHWIG, Henri. **A Partilha da África Negra**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CHALIAND, Gerard. **A Luta pela África**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

COMITINI, Carlos. **África Arde**. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1980.

DOLGOPOLOV, E. **As Guerras de Libertação na Etapa Actual**. Moscou: Editora Progresso, 1986.

FERRO, Marc. **História das Colonizações**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Indústria de Notícias: capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2008.

HERNANDEZ, Leila L. **A África na sala de aula**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

ILIFFE, John. **Os africanos: História de um Continente**. Lisboa: Editora Terra Mar, 1995.

KAPUSCINSKI, Ryszard. **Ébano: minha vida na África**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra. V. II**. Lisboa: Publicações Europa-América, 2002.

LINHARES, Maria Yedda. **A Luta contra a Metrópole**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Imprensa e Capitalismo**. São Paulo: Editora Kairós, 1984.

MAXWELL, Kenneth. **O Império Derrotado. Revolução e Democracia em Portugal**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

NETTO, José Paulo. **Portugal: do Fascismo à Revolução**. POA: Mercado Aberto, 1986.

N° KRUMAH, Kwame. **Neocolonialismo – último estágio do imperialismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

PAULINO, Robério. **Socialismo no século XX: O que deu errado?** Goiânia: Editora Kelps, 2008.

READER, John. **África: Biografia de um Continente**. Lisboa: Publicações Europa-América, 2002

SANTOS, Fernando B. **Angola na Hora Dramática da Descolonização**. Lisboa: Editora Prelo, 1975.

VICHINSKI, Mikhail P. **Sul da África: o Apartheid, o Colonialismo a Agressão**. Moscou: Editora Progresso, 1987.

ZORGBIBE, Charles. **O pós Guerra Fria no Mundo**. Campinas, Editora Papirus, 1996.

2. Artigos consultados.

ABRAMO, Perseu. Significado político da manipulação na grande imprensa. IN: **Fragmentos de Cultura**. Goiânia: IFITEG, 1991.

BENITES, Sônia Aparecida Lopes: A História contada nas páginas de jornais. IN: **Revista Letras**. Curitiba, Editora da UFPR, 2001.

CATROGA, Fernando. Pátria, Nação, Nacionalismo. IN: **Comunidades Imaginadas – Nações e Nacionalismos em África**: Coimbra: Imprensa da Universidade, 2008.

RECH, Maria H. Bortolon; FELTES, Heloísa P. de Moraes. No Fio do Discurso: Análise do discurso sobre o Trabalho no Artigo Opinativo do Jornal Correio Riograndense. IN: **Linguagem em Discurso**. Tubarão: Editora UNISUL, 2005.

RODRIGUES, Maria Guadalupe M. As relações Estados Unidos – Angola: estudo do processo decisório na crise angolana. IN: **Estudos Afro-Asiáticos**, N° 19, Dez. 1990, Rio de Janeiro: Editora Universidade Cândido Mendes, 1990.

SANTOS, Daniel dos. Sociedade política e formação social angolana (1975-1985) IN: **Estudos Afro-Asiáticos**. N° 32, Dez. 1997, Rio de Janeiro: Editora Universidade Cândido Mendes, 1997.

VISENTINI, Paulo G, Fagundes. A África independente/1945-98: processos políticos, desenvolvimento e relações internacionais. IN: **Ciências e Letras – Revista da FAPA**. N° 21/22, Nov. 1998, Porto Alegre: Edelbra, 1998.

3. Acervos pesquisados.

Revista Brasileira de História & Ciências Sociais

Vol. 5 N° 9, Julho de 2013

© 2013 by RBHCS

Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (Porto Alegre/RS).

Arquivo privado do Jornal Zero Hora.

Recebido em Abril de 2013
Aprovado em Julho de 2013